

CENTRO DE CULTURA CATÓLICA DO PORTO

JUAN DE ÁVILA

4 DE JUNHO DE 2013

QUEM FOI JUAN DE ÁVILA

Juan de Ávila (1500-1569) viveu no século XVI. Século do grande Imperador Carlos V – que detinha, dizia-se, um império no qual não se punha o Sol –; das conquistas espanholas no “Novo Mundo”; da viagem de Circunavegação de Fernão de Magalhães; do Concílio de Trento; de Elisabeta I de Inglaterra; e, enfim, da perda da independência portuguesa às mãos dos Filipes de Espanha.

Tendo nascido numa abastada família – de raízes judaicas – de Ciudad Real, Juan estuda direito em Salamanca e teologia na universidade de Alcalá de Henares que, ao tempo e devido às correntes humanistas que nela se faziam presentes, era das mais significativas no espaço ibérico. Depois de ter sido ordenado sacerdote e desejoso de partir como missionário para o “Novo Mundo”, Juan de Ávila dirige-se para Sevilha. Contudo, aí, o Bispo local impede-o de partir, convidando-o, antes, a ficar pelo Sul de Espanha, de modo a evangelizar toda uma população que era cristã apenas de um modo muito superficial. É nesse espaço geográfico que transcorrerá virtualmente todo o restante da sua vida, motivo de ter passado a ser conhecido como o “Apóstolo da Andaluzia”. É ainda significativo o facto de ter recusando – por duas vezes e apesar de ter passado anos nos cárceres da Inquisição – ser consagrado Bispo – de Segóvia e de Córdova –, bem como ter, numa outra ocasião, pedido para não ser feito cardeal, tal como era a intenção do Papa Paulo III.

Toda a vida de Juan, até se ter retirado para um certo isolamento devido a motivos de doença, foi dedicada ao estudo, à oração, à missionação e a uma existência pobre e para os pobres. Em concreto: entregou-se a missões populares; ao acompanhamento espiritual; à pastoral dos doentes e presos; à fundação de colégios – o de Évora, com a ajuda do cardeal português dom Henrique –; à formação de pregadores e de pessoas que viajavam de local em local para comunicarem, aos sacerdotes dos locais mais remotos, novas formas de veicular a fé – algo a que podemos, com toda a legitimidade, denominar de “génese da formação permanente sacerdotal” –.

Juan de Ávila foi beatificado em 1894 por Leão XIII, e canonizado em 1970 por Paulo VI.

AS PRINCIPAIS OBRAS DE JUAN DE ÁVILA

De todas as obras de Juan de Ávila duas são especialmente significativas. A saber:

“*Tratado do sacerdócio*”: texto breve, mas com um esquema amplo e ordenado, usado por Juan de Ávila nas suas conferências a sacerdotes e seminaristas

“*Audi filia*”: texto escrito quando esteve na cadeia da Inquisição em Sevilha, com o qual Juan – discorrendo sobre o conhecimento de si; a oração; o acolhimento da misericórdia e do amor de Deus e, enfim, o amor ao próximo como resposta concreta a tais doações divinas – deseja conduzir os seus leitores à perfeição espiritual através das dificuldades inerentes à vida humana e, ao mesmo tempo, dos problemas sociais e religiosos da sua época. É relevante fazer notar que este é dos primeiros textos da história da espiritualidade cristã que foi pensado para o grande público. E isto dentro do contexto de uma inserção numa Igreja chamada – se apenas escutar a voz de Deus, e não a das modas mundanas – a ser Esposa de Cristo.

A DOCTRINA TEOLÓGICO-ESPIRITUAL

Desde logo é importante referir que Juan de Ávila não pertence a uma corrente espiritual bem definida, mas parece, isso sim, representar uma combinação de diversas vias concomitantes com as diversas etapas da Reforma Espanhola. Devido a isso e porque este é o elemento aglutinador de todas aquelas vias, toda a sua doutrina mais geral parte da consideração de Jesus Cristo enquanto, por um lado, esposo da Igreja e, por outro, Sacerdote misericordioso. A sua palavra dá força e sentido a uma existência cristã votada a crescer na intimidade com Jesus, sobretudo através da consideração da união operada pela Cruz: a da divindade à humanidade.

Esta união dá lugar a uma vida “em Cristo”. Para Juan de Ávila, a vida “em Cristo” – que deve ser toda a vida cristã – consiste numa progressiva incorporação no Salvador. Uma incorporação que se vai fazendo cada vez mais fecunda à medida que o sujeito vai conhecendo, cada vez melhor, os sentimentos e atitudes de coração *de* Jesus. Pois bem, esta incorporação é vivida nas três virtudes teológicas – fé, esperança e caridade –, que devem animar tudo na existência cristã: desde os sacramentos e a oração, até às actividades mais banais, as quais devem ser – naquilo que mostra que a espiritualidade de Juan de Ávila é marcadamente cristocêntrica – uma expressão transparente do dom total que Cristo fez de si.

Desde logo, a fé é essencial para que o sujeito entre numa relação recta e justa com Deus – aquilo a que a teologia bíblico-cristã chama de “justificação” –. Deste modo, ela é a base da vida espiritual cristã e começa a ser real quando o sujeito ouve a Palavra de Deus pronunciada por Cristo através da Igreja sua esposa e a leva à prática. Para Juan, ouvir a Palavra de Deus não é apenas escutar um som mais ou menos atraente e cativante: deve ser, simultânea e inseparavelmente, acolhimento, conhecimento e obediência prática.

A esperança, por seu lado, está intimamente ligada à fé e, desse modo, é igualmente a base da vida espiritual cristã. E isto no sentido em que se a fé, segundo Juan de Ávila, convida o crente a entrar no mistério de Deus, isso apenas pode ser logrado – enquanto o baptizado caminha para o Pai – pela e na esperança em Cristo

nosso irmão. Esta virtude é ainda, e para Juan, aquela firme força que permite viver, sem desanimar, as dificuldades da vida quotidiana.

Por fim, a caridade é a resposta adequada – a única resposta adequada – que o Cristão pode e deve dar ao mistério do Deus que é Amor e que foi sublimemente revelado, para seu benefício, no mistério de Cristo. Por esta virtude e de acordo com Juan de Ávila, cada crente deve ver os males e necessidades dos demais e socorrer, com discrição e deferência, aos mesmos como se fossem os seus.

Pois bem, para entrar no mistério redentor de Cristo, cada sujeito – através da leitura da Palavra de Deus, da oração e do exame de consciência (não centrados no interior do sujeito, mas no Deus que aí está presente, revelando, desse modo, que os mesmos não são entendidos tanto como um processo do crente conhecer aquele interior, mas, muito mais, como um conhecer o que Deus conhece sobre esse interior) – deve começar por reconhecer a sua condição de ser ferido pelo pecado. E isto só é possível diante da constatação do amor de Deus revelado em Jesus. Contemplar os mistérios da vida deste é, assim, essencial. Diz-nos, acerca disto, Juan de Ávila:

«Os que muito se exercitam no próprio conhecimento, como observam de muito perto e durante muito tempo os seus próprios defeitos, caem, frequentemente, em grandes tristezas, desconfianças e acanhamento de coração. Devido a isso, é necessário que se exercitem num outro conhecimento que não só lhes dê a verdadeira proporção da sua verdade, mas lhes comunique alegria e energia. E para isto, não há outro conhecimento melhor do que o conhecimento de Jesus Cristo, nosso Senhor, em especial pensando como sofreu e morreu por amor de nós» (“Audi filia”, 68).

Conhecendo cada vez mais a sua condição, o crente crescerá numa humildade – entendida, por Juan, como o não se estimar como sendo mais do que aquilo que é (a saber: uma criatura carente de amor e não o deus da sua vida) – que retira os obstáculos que a graça de Deus encontra no coração humano. Na realidade, cada crente deve silenciar a voz de Adão em si, de modo a apenas ouvir a voz de Cristo; isto é, deve afastar-se continuamente do pecado fundamental das origens. Não o querer ser como Deus – pois essa é mesmo a vocação humana: o ser divinizado pela graça: *«Qual o motivo de andares com medo? Então esqueces que Deus se fez Homem para que nós, os homens, sejamos Deus por participação?»* (“Sermões”, 65, 1) – mas o querer sê-lo sem Deus e no lugar de Deus.

Este silenciar dos gritos incessantes do amor-próprio, que obliteram a voz frágil de Deus, surge, segundo Juan de Ávila, sobretudo através de duas realidades:

- a) o escutar a Palavra de Deus;
- b) as dificuldades da vida que rompem a carapaça dos hábitos adquiridos e obrigam ao reconhecimento de uma condição humana que é profundamente deficitária: quer a nível do ser, quer a nível da moralidade.

Pois bem, uma vez entrando no mistério de Cristo, o sujeito avança decididamente na vida da oração que – segundo um Juan inclinado a assumir o clássico ritmo ternário que, por analogia com as três Pessoas da Trindade, é uma constante na espiritualidade cristã – possui três degraus.

No primeiro destes degraus, o esforço humano é decisivo. Mas se o é, é-o mais no sentido de estar atento à acção interior de Deus, do que ao empenho de seguir de modo estrito estes ou aqueles preceitos, regras ou métodos de oração. De facto, o marcante é estar em silêncio com Deus, dobrando – como diz Juan de Ávila

– a orelha para Ele de modo a que a contemplação comece a misturar-se com o esforço humano.

No segundo degrau, a acção divina fortalece-se, de modo que o que se começa a conhecer na oração, já não é fruto do esforço (embora este deva continuar, sobretudo na abnegação de tudo o que não é amor). É, sim, do acolhimento de ideias e sentimentos que são comunicados por Deus.

Por fim, no terceiro degrau de oração, alcança-se a união amorosa com Deus, em que o sujeito vive em Deus e Deus vive plenamente no coração humano. De notar que os mais insígnis dons divinos comunicados nesta terceira etapa oracional – e que não devem ser confundidos com os fenómenos extraordinários da vida humana, que, como acontece com todos os verdadeiros místicos, são totalmente desvalorizados por Juan de Ávila – são precedidos frequentemente por estados profundos de secura e obscuridade espiritual a quem Juan – bem antes de Juan de la Cruz – chama de “obscuridade tenebrosa”. De acordo com Juan de Ávila, é por estes eventos, que fazem o sujeito viver um deserto profundo que por vezes raia o desespero, que Deus purifica plenamente o coração do crente para a mais bela união amorosa.

Falou-se, mais acima, na vivência sacramental. Esta, para Juan de Ávila, é marcante. De acordo com este, os sacramentos têm a sua origem em Jesus Cristo e são eficazes para a comunicação da graça sanante e elevante. São, pois, remédios espirituais que Jesus entregou à sua Igreja. De acordo com um Juan envolto num clima de debate teológico sobre este tema, os mesmos podem ser celebrados com vincada frequência. E isto é especialmente verdade para a Eucaristia – entendida como veículo de sanção espiritual – e a Reconciliação. Este último sacramento é mesmo o mais falado por Juan de Ávila, não menos porque através dele o crente recebe aquele perdão objectivo dos seus pecados que o faz mais semelhante a Jesus. A um Jesus Cristo que é, precisamente por não ter pecado, o Homem por excelência. Ou seja: este relevo dado por Juan à Reconciliação decorre por ela fazer o crente verdadeiramente humano.

Tudo isto está pensado por Juan de Ávila como um meio para o crente poder entregar-se ao serviço de Deus. Prestemos atenção às suas seguintes palavras que deixam bem claro que o verdadeiro amor tem na sua base a efectividade e não a afectividade:

«Não se medem os nossos serviços pela devoção que se tem ou não na sua realização, mas pelo amor que se coloca neles; e o amor não é uma devoção terna, mas um oferecimento da vontade ao que Deus quer que façamos, tenhamos nisso consolo sensível ou não [...]. Nu morreu Jesus Cristo, e nus nos devemos oferecer a Ele na entrega aos demais, e a nossa única roupagem deve ser a sua santíssima vontade, sem olharmos para outro lugar» (“Avisos e regras cristãs”, 1, A).

A DOCTRINA SACERDOTAL DE JUAN DE ÁVILA

Depois de se ter visto a sua doutrina teológico-espiritual mais ampla, pode-se, agora, entrar na exposição da sua doutrina sacerdotal, aspecto parcial e peculiar daqueloutra. Desde logo é possível referir que, para Juan, a vida e a acção sacerdotal podem ser resumidas nos seguintes aspectos: centrar a pregação em Cristo; lançar e reforçar os costumes morais cristãos; orientar a busca de uma vida mais perfeita quer em si, quer nos demais; renovar a vida sacerdotal segundo os cânones de Trento; renunciar aos postos e honras dos cargos eclesiais mais elevados; fomentar

uma vida de intensa oração; amar profundamente a Igreja; dar imensa importância ao ensino da doutrina e ao acompanhamento espiritual.

No fundo, tudo isto alicerça-se na consideração do sacerdócio de Cristo, no sacerdócio do único Mediador e Redentor que se apresenta diante do Pai como o seu único Filho feito esposo da humanidade representada na Igreja. A doutrina sacerdotal de Juan de Ávila é, assim, profundamente cristológica: Cristo olha para um Pai que deseja salvar a humanidade através do seu amor; Cristo olha para uma humanidade que necessita de ser salva; e, enfim, Cristo olha para si como aquele que vem para se dar como sacrifício de amor. Deste modo, Cristo – e, por conseguinte, o sacerdote – é simultaneamente Sacerdote e Oferenda, através da qual pode realizar a união esponsal com a humanidade.

Como vemos, o sacerdote é essencialmente ministro do sacerdócio de Cristo. Votado ao serviço da humanidade, cada batizado chamado por Deus e a Igreja ao ministério sacerdotal ordenado, deve levar – e por isso responderá diante de Deus porquanto esta é a sua missão central – esta humanidade a amar a Deus. E isto mediante o ser uma re-presentation – ou íntima conformidade – com os sentimentos de Cristo Sacerdote. Ou seja: o “ser” e o “viver” do sacerdote são condicionados pelo próprio “ser” e “viver” de Jesus. Aqueles devem deixar transparecer não só as virtudes de Jesus, mas também as suas disposições interiores de amor que, norteando a sua vida, culminaram na Cruz.

É neste sentido que, para Juan de Ávila, a eficácia evangélica do apostolado sacerdotal depende totalmente desta união de amor com Cristo. De tudo isto, deriva – é claríssimo – uma vincada afirmação do dever de um trato íntimo – intimíssimo – com Cristo enquanto simultaneamente amigo – companheiro – e esposo – enamorado –. Esta intimidade amorosa tem lugar especialmente na celebração eucarística. Um das palavras de Juan de Ávila são, a este respeito, significativas:

«Vemos quão sobre tudo é vir Deus em resposta ao chamamento de um sacerdote e estar nas suas mãos, deixar-se tratar por ele com a mais estreita familiaridade que ninguém alguma vez logrará imaginar, nenhuma santidade poderá parecer exceder ou igualar tal realidade, nem se poderá, alguma vez, imaginar poder chegar de outro modo ao que merece o Senhor de pureza infinita que se entrega em tão indescritível comunicação [sacramental]» (“Tratado do sacerdócio”, 2, 12).

Esta intimidade com Jesus traduz-se, de acordo com Juan, na vivência dos conselhos evangélicos de pobreza, obediência e castidade.

Em primeiro lugar, o sacerdote deve ser pobre como aquele Jesus que foi pobre e humilde, o que, desde logo, permite que compreendamos que se trata de uma pobreza muito mais do que jurídica, mas toda ela centrada no seguimento de Cristo. O testemunho de pobreza é, para Juan de Ávila, um dos mais sólidos critérios de eficácia evangélica: é uma pobreza que afecta evidentemente a relação com os bens, mas também o modo de se viver os afectos, a família, a honra, a fama e, além do mais, conducente a fazer dos pobres os particularmente elegidos e próximos do sacerdote. Esta pobreza deve ser visível: na roupa, na casa, no burrico que transporta o sacerdote a caminho do seu local de missionação e, enfim, na doação aos pobres de tudo o que sobre depois de gasto o necessário para a missão. Só deste modo poder-se-á, para Juan, realizar a reforma necessária à Igreja.

Quanto à obediência, esta também deve estar centrada na obediência de Cristo ao Pai, que no sacerdote secular se concretiza na mediação do Bispo, que antes de confiar uma missão deveria, na opinião de Juan de Ávila e tal como faz o

Pai com o Filho, dialogar com o futuramente enviado, para ver se o mesmo possui o que é necessário para desempenhar, de um modo evangelicamente fecundo, o seu encargo.

Por fim, a castidade também está centrada em Cristo. Juan de Ávila utiliza indistintamente os termos “celibato” e “virgindade” para aludir, sempre em chave esponsal, à castidade. Cristo é o esposo da Igreja, e a vida em castidade é expressão da exclusividade de Cristo no centro do coração do sacerdote, e isto fruto, não de uma determinação exterior, mas de uma relação pessoalíssima com Jesus. De realçar que Juan de Ávila – participando num debate actualíssimo na sua época (e não hoje?), devido à falta de Seminários e de sacerdotes – se opôs à eliminação do celibato para os sacerdotes seculares, sobretudo porque isso retiraria a disponibilidade missionária característica dessa forma de vida.

Pudemos ver, ao longo das breves palavras precedentes, o que justifica a apreciação de Sua Santidade Bento XVI – presente na “Carta Apostólica” por si emitida para proclamar Juan de Ávila “Doutor da Igreja” – quando refere que, *«ao longo dos séculos, os seus escritos foram fontes de inspiração para a espiritualidade sacerdotal e podem ser considerados como os promotores do movimento místico entre os presbíteros seculares»*. Mas este não foi o único motivo para tal proclamação. Outros motivos podem ser apresentados:

1) Juan viveu numa conjectura histórica semelhante à nossa: no meio de uma mudança epocal – entre um medievo tardio e uma modernidade nascente –, e nesse enquadramento soube mostrar a sua fidelidade a Jesus a par da auscultação dos sinais do seu tempo: desde o humanismo de Erasmo ao retorno à Bíblia reivindicado por Lutero, passando pelo espírito reformador também impulsionado por Trento. Deste modo, a sua teologia e espiritualidade, ainda que esteja encravada – pela linguagem e perspectiva – no século XVI, é já moderna e conecta facilmente com a contemporaneidade, não menos por partir da experiência.

2) Juan fez, sem a absolutizar nem fazer violência sobre os demais “lugares teológicos” – nomeadamente a Tradição e os pobres –, da Bíblia a alma da sua teologia, a ponto de podermos dizer que os seus escritos estão repletos de uma sabedoria bíblica adquirida na meditação pausada e quotidiana da mesma.

3) Juan tentou – mas, em minha opinião, sem grande sucesso – unir a dogmática à espiritualidade, esforçando-se por superar um hiato dramático que começara no século XII e se consumara no século XIV. Tal empenho teve mais sucesso na sua vida – profundamente marcada pela estadia nos cárceres da Inquisição – do que nos seus escritos. De qualquer modo, hoje sabe-se que não pode haver dogmática sem espiritualidade nem espiritualidade sem dogmática.

4) Enfim, podemos apontar que a teologia de Juan é apostólica, isto é, é uma teologia a partir, e para, a missão do anúncio do Evangelho. Ou seja, uma teologia reflectida a partir da Bíblia e da Tradição, sem dúvida, mas igualmente dos espaços de missão vividos a partir de uma profunda vivência espiritual. Isto, como disse o último Sínodo dos Bispos, deve ser a base da tarefa evangelizadora contemporânea.